

Professora e escritora:

entre Cadernos Negros, poesia, ficção e sala de aula. Uma conversa com Sílvia Barros

Sílvia Barros
Eliza de Souza Silva Araújo

O meu encontro com Sílvia Barros aconteceu através de uma amiga em comum, também professora e escritora. Trabalhando com ela no Colégio Pedro II e observando o trabalho que vem desenvolvendo com a literatura afro-brasileira, esta amiga sugeriu que eu a encontrasse, acreditando serem possíveis conversas acadêmicas, colaborações de pesquisa e uma amizade. Todos esses caminhos, de fato, foram abertos. Nos encontramos ao ar livre debaixo de uma amendoeira, num boteco do bairro onde moramos e trocamos livros numa primeira conversa. Dei pra ela o meu Morrison, Angelou e Evaristo: mulheres negras e escrita revolucionária (Pontes Editores), publicado em 2023, resultado de minha tese de doutorado defendida em 2021 e o danças (Editora Escaleras), livro de poesia coletivo, que publiquei em 2021 com as poetas Quel Medeiros e Maria Clara Montalvão. Para a minha surpresa, ela também me presenteou com o seu O belo trágico na literatura brasileira contemporânea (Letramento), publicado em 2019, além do livro de poesia em tempos de guerra (Telha), publicado em 2021. Ali, notei que as nossas conexões iam além das pesquisas atuais que desenvolvemos em espaços diferentes de formação: ela, na educação básica, e eu no ensino superior; também éramos professoras-poetas, professoras-escritoras.

Sempre me interessei profundamente pelas intersecções entre pensamento e poesia no trabalho de pensadoras e acadêmicas que também são poetas e escritoras. Venho me deparando com os escritos de muitas delas que orientam o meu trabalho: Beatriz Nascimento, Audre Lorde, bell hooks, Conceição Evaristo, para mencionar algumas. Diante da multiplicidade de possíveis práticas, gosto de pensar a escrita como uma ferramenta de organização do pensamento, de proposição e de, no caso de mulheres negras que escrevem, um posicionamento firme acerca das diversas possibilidades de autoria dos nossos tempos. A ideia de escrita e ensino orienta esta minha conversa com Sílvia, com quem sempre aprendo. Como disse ela, na minha dedicatória de um dos livros, “que esses elos acadêmicos componham nossas cadeias de afetos!”. E que esses encontros de possibilidade e reinvenção da escrita sempre façam parte da nossa vivência acadêmica e de pessoa que escreve.

ELIZA ARAÚJO: Como nasceu em você o interesse e a motivação para o ensino?

SÍLVIA BARROS: Por meio da literatura, da leitura e da escrita. Primeiro eu quis ser escritora, depois eu quis estudar língua portuguesa e literatura e, por último, entendi que nesse caminho havia o ensino. Logo percebi que lecionar poderia ser tão interessante quanto estudar.

*

* *

E.A.: Concordo com você, lecionar é tão instigante quanto estudar. E onde e quando nasceu a você escritora?

S.B.: Pode ser uma resposta bem clichê, mas me tornei escritora assim que aprendi a escrever, com seis anos. Sempre amei escrever historinhas; aproveitava o momento do dever de casa para escrever nas páginas finais do caderno.

*

* *

E.A.: Que interessante, então vem desde muito cedo mesmo, esse seu interesse. E hoje, como você acha que as identidades de professora e escritora conversam?

S.B.: Primeiro, na sua origem, como disse anteriormente. Hoje vejo uma variedade de possibilidades na relação entre essas duas identidades. Me colocar como escritora nos projetos de escrita que proponho na escola me ajuda a mostrar como a escrita existe no cotidiano e não em um espaço etéreo e inalcançável. Além disso, a escola e suas histórias me dão material para a escrita, mesmo que isso não fique nítido em muitos textos.

*

* *

E.A.: Sim, imagino que deve ser mesmo um verdadeiro “laboratório de escrita”! Achei interessante você colocar o seu lado escritora também como um posicionamento. Deve fazer uma diferença muito grande para seus estudantes. Mas e na prática, como você tem lidado com desafios dos nossos dias em relação ao ensino de escrita / produção textual, como o uso de ferramentas de inteligência artificial? Na sua perspectiva, é possível contar com essas ferramentas na prática da escrita e no ensino?

S.B.: Eu acredito que seja possível trabalhar com essas ferramentas, mas ainda não sei como. Isso é muito novo para nós e para os estudantes também. Estamos experimentando, nós e eles. Tenho buscado práticas de escrita que demandem elementos criativos ainda não alcançados pelas IA disponíveis para os estudantes, mas acredito que não seja suficiente, uma vez que esses recursos estão se aprimorando. O dilema, ao final, não muda muito em relação às práticas pré inteligência artificial: estimular a escrita para além de uma ferramenta de avaliação escolar é muito difícil, mas sempre haverá estudantes que se encantarão por ela.

*

* *

E.A.: Sim. Me sinto assim também, sobre o trabalho com ferramentas de IA. Como professoras e professores, estamos aprendendo, experimentando e entendendo o que essas novas formas de produção textual estão fazendo com as nossas próprias expectativas em relação à leitura também. Sobre leitura, tive a felicidade de ler alguns textos seus numa publicação que muito me interessa na minha pesquisa, a coleção *Cadernos Negros*. Você pode nos contar um pouco sobre a sua participação em alguns volumes da coletânea? Como foi para você participar dos livros em que publicou poemas? O que foi determinante na escolha desse projeto para participar?

S.B.: Participar de *Cadernos Negros* foi pra mim a realização de um sonho que eu nem sabia que sonhava. Eu já tinha muita coisa escrita em 2018, mas nunca tinha publicado. Defendi o doutorado e resolvi dar destino a alguns escritos, então lembrei de *Cadernos Negros* e fiz uma inscrição no site para participar do processo seletivo. Foi muito gratificante ser selecionada para a publicação e me sentir próxima de escritoras e escritores que já admirava.

*

* *

E.A.: Que bom que abriu esse caminho para seus próprios escritos! O *Cadernos Negros* Volume 42, de 2020, do qual você participou, foi finalista no prêmio Jabuti, não é? Como você vê essa indicação e as últimas indicações e prêmios que autoras e autores negros têm recebido? Você percebe uma diferença na curadoria do Jabuti e outros prêmios como o **APCA, Oceanos, Prêmio Sesc de Literatura, etc?**

S.B.: É visível que a presença de *Cadernos Negros* entre os finalistas do Jabuti foi consequência de uma alteração na escolha do júri. Foi importante essa presença na lista dos 10 livros finalistas, mas, no fim das contas, uma série histórica e importantíssima pra nossa literatura como *Cadernos Negros* merece muito mais. Sobre os prêmios, vejo uma sutil mudança, mas ainda muito pequena. Se em um ano o Jabuti oferece prêmio para duas ou três pessoas não brancas, no ano seguinte vemos diversas categorias somente com pessoas brancas entre finalistas. Embora eu considere os prêmios muito importantes pela visibilidade e principalmente pelo valor em dinheiro, acho que não devemos nos pautar por eles.

*

* *

E.A.: Importantes esses pontos. Quanto ao universo da escola em si, você desenvolve alguns projetos e aulas com base em textos de autoras e autores negros da literatura contemporânea, o que creio ser fundamental e gostaria que todos os estudantes do Brasil tivessem essa oportunidade de contato com uma literatura mais diversa. Mas queria que

nos contasse, ao longo dessa prática, houve assuntos sensíveis que surgiram nas leituras e discussões com estudantes? Como você conduziu esses momentos?

S.B.: Muitas vezes acontece de estudantes negras e negros sentirem vontade de relatar situações de racismo que viveram (muitas vezes dentro da escola). Houve também momentos de emoção e revolta com a leitura de obras como *Quarto de Despejo*¹ e contos de *Olhos d'água*², por exemplo. Nesses momentos, procuro permitir que as pessoas falem livremente e recebam o acolhimento devido. Por isso é fundamental fazer uma escolha de textos que não fiquem apenas na ilustração da dor, porque pode acontecer um processo de retraumatização. É importante também lembrar que não somos feitos apenas de nossos traumas.

*

* *

E.A.: Tenho certeza que é um espaço bem importante para os estudantes. Agora de volta ao assunto que nos trouxe aqui, que é a escrita e o ensino: bell hooks dizia que professora é a melhor profissão para alguém que ama escrever. Você concorda com isso? Como a sua prática alimenta a sua escrita?

S.B.: Eu concordo com bell (minha mais velha, minha madrinha) em partes. Acho que quem trabalha na educação básica pública e privada (não considerando a realidade do Colégio Pedro II e dos institutos federais) pode sentir imensa angústia pela falta de tempo para escrever. A rotina de quem trabalha dois ou até três turnos diários todos os dias e ainda leva trabalho para corrigir no fim de semana atrapalha ou até impede que a produção escrita se desenvolva. Agora, se falamos de uma realidade digna em termos de horas e volume de trabalho, aí sim acho que escrever e lecionar combinam muito bem, porque meu desejo de aprender, minha curiosidade pelo ser humano, minha veia criativa estão nos dois lugares.

*

* *

E. A.: Sílvia, muito obrigada pela oportunidade de conversar e compartilhar contigo. É refrescante saber que existem professores como você atuando na educação básica.

Seguimos em conversa (e em escrita!).

SOBRE A ENTREVISTA E A ENTREVISTADORA

Sílvia Barros é escritora, pesquisadora, professora de português e literatura e doutora em literatura brasileira pela UFRJ. É professora do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde atua na educação básica e na especialização em Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBÁ). É

¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10 Ed. São Paulo: Ática, 2014.

² EVARISTO, Conceição. Contos. EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1a.Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

BARROS, S.; ARAÚJO, E. de S. S.

autora de O belo trágico na literatura brasileira contemporânea (2019) e participou de diversas antologias como poeta e ficcionista. Durante a pandemia, publicou Em tempos de guerra (poesia, 2021) e Poemas para meu corpo nu (poesia, 2021). Sua produção bibliográfica mais recente é Literatura de autoria negra (2022). Contato: profsilviabarros@gmail.com

Eliza de Souza Silva Araújo é professora adjunta no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (GLE/UFF), na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. É colaboradora no projeto de extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos (LabLA), vinculado à Faculdade de Educação e participa do grupo de estudos GEPLA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica) na UFF. Possui publicações de livros de poesia solo e participa de antologias nacionais. Morrison, Angelou e Evaristo: mulheres negras e escrita revolucionária é o resultado de sua tese de doutorado em Letras, realizado no PPGL/UFPB. Contato: elizaaraujo@id.uff.br